

INICIAÇÃO EM HANDEBOL: UMA ESTRATÉGIA LÚDICA PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Renan Neo Monteiro¹

Regiane Cristina Galante (O)²

Resumo

O principal objetivo do estudo ora apresentado foi desenvolver o handebol nas aulas de Educação Física Escolar para crianças de 1º à 4º série do ensino fundamental, em uma escola da rede pública da cidade de São Carlos, buscando a aprendizagem da modalidade através do lúdico. Para tanto se realizou uma revisão bibliográfica para contextualizar historicamente a modalidade handebol, bem como a educação física e o lúdico enquanto proposta para trabalhar a iniciação esportiva durante as aulas de Educação Física. As atividades foram realizadas por meio de brincadeiras e jogos pré-desportivos que permitissem o aprendizado do handebol. Além disso, foi feita uma pergunta para os participantes, buscando investigar quais conhecimentos as crianças já possuíam sobre o handebol, sendo que na maioria das respostas o handebol foi relacionado com o futebol, porém jogado com as mãos. No decorrer das aulas, com as atividades e os jogos pré-desportivos essa associação do handebol com o futebol foi diminuindo. Na última aula a mesma questão foi realizada novamente e alguns ainda diziam que o handebol parecia com o futebol, mas outros diziam que o handebol tinha as suas próprias regras e que era diferente do futebol. Alguns ainda relataram que tinham aprendido o handebol brincando. A partir dessas respostas e das atividades propostas foi possível concluir que o handebol pode ser ensinado para crianças de 1º à 4º série do ensino fundamental de uma forma que as crianças aprendam a modalidade não da maneira convencional, e sim de forma lúdica.

Palavras Chaves: Educação Física Escolar, Handebol, Lúdico, Aprendizagem.

Introdução

O esporte, visto enquanto um fenômeno mundial que cativa diferentes públicos e movimenta grandes negócios, torna-se um sistema dotado de grande independência, capaz de existir em diferentes nações e países de todos os continentes, sejam quais forem seus costumes e identidades culturais. No entanto, constata-se que o que move e direciona o atual período histórico esportivo é a competição.

¹ Aluno do II Curso de Especialização em Educação Física Escolar do DEFMH/UFSCar.

² Mestre em Educação pelo PPGE/UFSCar. Coordenadora de Programação do SESC Araraquara.

Porém a competição não pode se constituir na única e principal motivação das atividades esportivas, pois neste caso seriam eliminadas as dimensões lúdicas e associativas que são a essência e a razão de ser da própria atividade.

Segundo Nori (2002), em um mundo a ser transformado, que busca novos paradigmas, que o objetivo é encontrar valores renovadores para melhorar a relação entre os homens, visando sobretudo ao bem estar, a felicidade e a um estado de alegria para todos, o esporte, para cumprir o papel que dele se espera nesse contexto transformador, haverá também de se modificar. É preciso reencontrar a sua dimensão integral e lúdica, e eliminar tudo aquilo que o identifica como instrumento auxiliar ou alienação, opressão, violência e reforço à sociedade do consumo e do rendimento.

O esporte é um fenômeno que consegue unir pessoas de culturas diferentes e de classes sociais diferentes. Além disso, por meio do aprendizado do esporte na Educação Física Escolar é possível trabalhar valores como o respeito às diferenças e a cooperação. Pensando nisso, e buscando unir trabalho e pesquisa, iniciei um curso de pós-graduação *latu-sensu* em Educação Física Escolar, uma vez que poderia, no referido curso, estudar e aprofundar meus conhecimentos na área, sobretudo conjugando a isso meu interesse pessoal em desenvolver uma pesquisa sobre o handebol.

O meu interesse pelo tema se deu a partir de minha formação profissional na Universidade Camilo Castelo Branco – Unicastelo, na cidade de Descalvado, no período de 2001 a 2004.

Escolhi a Educação Física como profissão porque, desde pequeno, sempre gostei de praticar esportes. Além disso, recebi influências de meu pai, que também é professor de educação física. Tal fato tornou-se um incentivo a mais para a minha escolha profissional.

Neste estudo, optei pelo handebol por ser um esporte coletivo e também porque, durante a minha adolescência, fui atleta da modalidade. Defendi a equipe de São Carlos por seis anos (1996 – 2002) disputando vários campeonatos regionais, estaduais e nacionais. Também durante a graduação defendi a equipe de Descalvado no ano de 2004.

A escolha do handebol como tema do meu trabalho de conclusão de curso deve - se ainda ao fato de ser o mesmo um esporte muito dinâmico e capaz de desenvolver vários aspectos sociais, cognitivos e motores, tais, como cooperação, sociabilização e inclusão,

lateralidade, agilidade e flexibilidade, além de habilidades como correr, saltar e arremessar. Além disso, o handebol possui características diferenciadas com relação aos outros esportes coletivos, uma vez que o mesmo já inclui, em suas regras, possibilidades reais da participação de todos os jogadores em todos os momentos do jogo. Por exemplo, o goleiro, jogador caracteristicamente responsável exclusivamente pela defesa nos demais esportes, no handebol pode fazer parte do ataque em qualquer momento, em igualdade de posição e sujeito às mesmas regras que os demais jogadores (de linha).

Assim neste trabalho, creio em uma proposta na qual seja possível, a partir de vivências lúdicas e jogos pré-desportivos, alcançar o aprendizado do handebol nas aulas de educação física, fugindo dos conceitos e formatos tradicionais do ensino do handebol. Isso porque acredito que ensinar o handebol pode ser mais interessante se o mesmo for feito de maneira lúdica e prazerosa para as crianças, que irão participar das aulas sem se preocupar apenas em aprender técnicas, movimentos e gestos específicos da modalidade, ou seja, poderão aprender o handebol brincando, construindo seu próprio conhecimento.

Para tanto, realizei inicialmente uma pesquisa bibliográfica para definir os conceitos envolvidos no presente estudo, entre os quais: handebol, educação física e lúdico.

Feito isso, realizei quatro aulas de iniciação ao handebol em uma escola da rede pública de ensino na cidade de São Carlos, para alunos de uma quarta série do Ensino Fundamental.

Durante as aulas pude realizar jogos pré-desportivos e educativos para o aprendizado do handebol, além de aplicar uma questão sobre “O que você sabe sobre o Handebol”, cujo objetivo era inicialmente reunir informações sobre o conhecimento dos alunos sobre o tema e, posteriormente, verificar se após a realização das atividades os mesmos alunos adquiriram novos conhecimentos sobre a modalidade.

Assim, espero contribuir para o resgate do lúdico no ensino do handebol nas aulas de educação física, bem como proporcionar momentos de alegria e prazer para os alunos durante o aprendizado desta modalidade.

2- Breve Histórico do Handebol

De acordo com a Confederação Brasileira de Handebol (2007), a bola é, sem dúvida, um dos instrumentos desportivos mais antigos do mundo e vem cativando o homem há milênios. Homero cita, na Odisséia, o jogo de **Urânia**, praticado na antiga Grécia, com uma bola do tamanho de uma maçã, usando as mãos, mas sem balizas. Também há registros que os Romanos realizavam o **Harpastom**, jogo com bola e praticado com as mãos.

Em meados do século XIX (1848), o professor dinamarquês Holger Nielsen criou, no Instituto de Ortrup, um jogo denominado **Haandbold**, e na mesma época os tchecos praticavam um jogo semelhante denominado **Hazena**. Fala-se também de jogos similares na Irlanda e no Uruguai, acreditando que todos são precursores do handebol (CBHb, 2007).

Todavia o Handebol, como se joga hoje, foi introduzido na última década do século XIX, na Alemanha, como **Raftball**. Quem o levou para o campo, já em 1912, foi o alemão Hirschmann, então secretário da Federação Internacional de Futebol.

O período da I Guerra Mundial (1915-1918) foi decisivo para o desenvolvimento do jogo, quando um professor de ginástica, o berlinense Max Heiser, criou um jogo ao ar livre para as operárias da Fábrica Siemens, derivado do **Torball**.

Em 1919, o professor alemão Karl Schelenz, procurando dar às suas classes femininas uma atividade alegre e movimentada, reformulou o Torball, alterando seu nome para **Handball**, com as regras tendo sido publicadas pela Federação Alemã de Ginástica. Schelenz levou o jogo enquanto modalidade de competição para a Áustria, Suíça, além da Alemanha. Em 1920, o Diretor da Escola de Educação Física da Alemanha tornou o jogo desporto oficial.

Como o idealizador foi um professor de educação física, o Handebol, naturalmente tomou maior impulso no meio estudantil. Suas características, facilidade de na aprendizagem e execução natural dos fundamentos, permitiram o emprego da velocidade, movimentação, força nos arremessos, habilidade no manejo da bola, além de proporcionar aos professores a possibilidade de educar pelo jogo.

A divulgação desse novo desporto na Europa não foi difícil, visto que Karl Schelenz era professor na Universidade de Berlim, onde seus alunos, principalmente os estrangeiros, difundiram as regras então propostas para seus vários países de origem.

Difundiu-se na Alemanha, Áustria, Suécia, Dinamarca e Tchecoslováquia, países que realizaram entre si as primeiras partidas internacionais. Em 1927, foi criada a Federação Internacional de Handebol, com 39 países inscritos, mas somente em 1938 foi incluído nos Jogos Olímpicos de Berlim.

O inverno rigoroso não permitia a prática do Handebol em campo aberto, levando a necessidade de adaptação do esporte, para que pudesse ser praticado em recinto fechado e de menor tamanho. Nascia o Handebol de Salão, praticado num espaço menor, e por um menor número de atletas.

O Handebol de Salão tornou-se um esporte independente, com técnica e tática próprias, suplantando o Handebol de Campo. Em 1972, nos Jogos Olímpicos de Munique/Alemanha, o Handebol (não mais era necessário o complemento "de salão") foi incluído na categoria masculina, reafirmando-se em Montreal-Canadá, em 1976 (masculino e feminino), e não mais parou de crescer (CBHb, 2007).

2.1 O Handebol no Brasil

Após a I Guerra Mundial, um grande número de imigrantes alemães veio para o Brasil, estabelecendo-se na região sul do país por conta das semelhanças climáticas que a mesma possuía com aquele país europeu.

Dessa forma, os brasileiros passaram a ter um maior contato com a cultura e tradição folclórica e, por extensão, com as atividades recreativas e desportivas por eles praticadas, dentre os quais o então Handebol de Campo. No entanto foi em São Paulo que a modalidade teve seu maior desenvolvimento, principalmente quando, em 26 de fevereiro de 1940, foi fundada a Federação Paulista de Handebol, tendo como seu primeiro presidente Otto Schemelling.

O Handebol de Salão somente foi oficializado em 1954, quando a Federação Paulista de Handebol instituiu o I Torneio Aberto de Handebol, que foi jogado em campo improvisado ao lado do campo de futebol do Esporte Clube Pinheiros, campo esse

demarcado com cal (40m x 20m) e com balizas feitas de caibros de madeira medindo 3m x 2m.

Este Handebol, praticado com 7 jogadores e em um espaço menor, agradou de tal maneira que a Confederação Brasileira de Desportos – CBD, órgão que congregava os Desportos Amadores em nível nacional, criou um departamento de Handebol, possibilitando assim a organização de torneios e campeonatos brasileiros nas várias categorias, masculina e feminina.

Contudo, a grande difusão do Handebol em todos os estados veio com a sua inclusão nos III Jogos Estudantis Brasileiros - JEB's/71, realizados em Belo Horizonte-MG, em julho de 1971, e também nos Jogos Universitários Brasileiros, realizados em Fortaleza-CE, em julho de 1972. Nos JEB's/71 o Handebol teve a participação de aproximadamente 10 equipes femininas e 12 masculinas. Já em 1973, nos IV JEB's, em Maceió-AL, cerca de 16 equipes femininas e 20 masculinas (CBHb, 2006) participaram do jogos.

3- A Educação Física no Brasil

Para compreender o atual momento da Educação Física é necessário considerar, além dos aspectos referentes às suas origens no contexto brasileiro, as tendências que a influenciam e o surgimento de novos rumos a partir do estabelecimento das atuais Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

No Brasil, a Educação Física Escolar passou, segundo Ghiraldelli Jr (1991), por cinco tendências, sendo:

a) Educação Física Higienista, com ênfase na sua realização como condição de saúde, entendendo saúde como assepsia social, isto é, a educação física deveria afastar as pessoas das práticas capazes de deteriorar a saúde e a moral, o que comprometeria a vida coletiva. Esta concepção perdurou até 1930;

b) Educação Física Militarista, com ênfase na disciplina pessoal e depuração da raça (Eugenia), obtendo uma juventude capaz de suportar o combate, a luta, a guerra. Não

se resume à prática militar de preparo físico. Antes, impõe padrões de comportamento estereotipados a toda a sociedade. Vigorou entre 1930 e 1945;

c) Educação Física Pedagogística, de 1945 a 1964, realizada como atividade prioritariamente educativa, preconizando a educação do movimento para a promoção da educação integral. É a Educação Física Escolar encarada como utilidade social, capaz de levar os jovens a aceitar as regras do convívio democrático;

d) Educação Física Competitivista, após 1964, com ênfase na competição desportiva como forma de superação individual e do adversário. Ocorre o culto ao atleta-herói e ao desporto de alto nível. No âmbito escolar, a iniciação esportiva se tornou um dos aspectos fundamentais da educação física, na tentativa de descobrir novos talentos que pudessem representar o país nas competições internacionais. Porém, esse modelo começou a ser contestado, uma vez que o Brasil não tornou-se uma potência olímpica. Assim, surgiu a preocupação com o desenvolvimento psicomotor do aluno e uma nova tendência em Educação Física;

e) Educação Física Popular, que privilegia a ludicidade, a solidariedade, a organização, e mobilização de todos para a construção de uma sociedade “democrática”, isto é, uma Educação Física capaz de articular as múltiplas dimensões do ser humano envolvido em cada prática corporal. Essa tendência surgiu na década de 80.

Atualmente, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), se concebe a existência de algumas abordagens para a Educação Física Escolar que resultam da articulação de diferentes teorias psicológicas e concepções filosóficas, mas que têm em comum “a busca de uma Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano” (p.5), sendo entendida como uma disciplina que integra o aluno na Cultura Corporal de Movimento.

Na cultura corporal, entendida como conhecimento que visa o aprendizado da expressão corporal como linguagem, o homem desenvolve um “sentido pessoal” que exprime sua subjetividade e relaciona as significações objetivas com a realidade da sua própria vida, de seu mundo e das suas motivações (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 62).

Porém, ainda há professores desenvolvendo seu trabalho de forma mecânica e repetitiva, observando o indivíduo apenas como um corpo físico possível de ser educado (GALANTE, 1998).

Autores como Silva (2001) e Ramos & Silva (2002) apontam que

geralmente as aulas de Educação Física na escola têm o caráter competitivo, dando prioridade ao rendimento em detrimento de questões mais amplas, fazendo com que os menos habilidosos sejam excluídos das aulas e, ainda mais, restringindo as possibilidades de estratégias, de desenvolvimento de determinados conteúdos e de uma contextualização mais adequada da própria Educação Física (SILVA, 2001; RAMOS & SILVA, 2002).

De acordo com Galante (1998), tais problemas só serão resolvidos se houver uma real compreensão da Educação Física enquanto fenômeno capaz de oportunizar (a todos os alunos), o desenvolvimento de suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos.

A Educação Física Escolar deve ser praticada por todos os alunos, sejam eles habilidosos e robustos ou descoordenados, baixinhos, de óculos e gordinhos (DAOLIO, 1995, p. 135).

4- Educação Física Escolar de 1º a 4º séries (primeiro ciclo)

O movimento é a expressão de uma necessidade humana primordial. De acordo com Garcia (1990), movimentar-se é necessário para crianças e adultos descobrirem-se a si mesmos, situarem-se no espaço, explorando-o e descobrindo-o.

Ao ingressarem na escola, as crianças já têm uma série de conhecimentos sobre os movimentos e seu corpo, fruto de experiência pessoal, das vivências dentro do grupo social em que estão inseridas, e das informações veiculadas pelos meios de comunicação.

De acordo com Gonçalves Júnior (2007), as diferentes competências com as quais as crianças chegam à escola são determinadas pelas experiências corporais que vivenciaram anteriormente. Ou seja,

se não puderem brincar, conviver com outras crianças, explorar diversos espaços, provavelmente suas competências serão restritas. Por outro lado, se as experiências anteriores foram variadas e frequentes, a gama de movimentos e os conhecimentos sobre jogos e brincadeiras serão mais amplos. Entretanto, tendo mais ou menos conhecimentos, vivido muitas ou poucas situações de desafios corporais, para os alunos a escola configura-se como um espaço diferenciado, onde terão que ressignificar seus movimentos e atribuir-lhe novos sentidos, além de realizar novas aprendizagens (GONÇALVES JUNIOR, 2007, p.59).

Considerando que a função primordial da escola é a socialização dos conhecimentos historicamente produzidos a Educação Física, como componente curricular da escola, está vinculada a esta finalidade e, portanto, deve garantir a socialização e democratização dos conhecimentos sobre a realidade envolvendo a Cultura Corporal, “além de promover o desenvolvimento integral dos educandos a partir da realização de atividades relacionadas à expressão corporal” (GALANTE, 2006).

Cabe à escola, no entanto, com o repertório cultural local, partir das experiências vividas, mas também garantir o acesso a experiências que os alunos não teriam fora da escola. Essa diversidade de experiências precisa ser considerada pelo professor quando organiza as atividades, toma decisões sobre encaminhamentos individuais e coletivos e avalia as atividades, procurando ajustar sua prática às reais necessidades de aprendizagem dos alunos. Tal perspectiva encaminha-se ainda em colocar o indivíduo como sujeito transformador da realidade na qual está inserido.

Para Betti (1995, p. 25), a Educação Física tem no movimento tanto um meio quanto um fim para atingir seu objetivo educacional dentro do contexto escolar. Para a autora, o movimento pode ser entendido como uma atividade corporal que se manifesta através do jogo, do esporte, da dança ou da ginástica.

Segundo Gonçalves Junior (2007), durante a escolaridade os alunos têm grande necessidade de se movimentar e estão ainda se adaptando à exigência de períodos mais longos de concentração em atividades escolares.

Entretanto, além do horário de intervalo, a aula de Educação Física é, muitas vezes, a única situação em que as crianças têm a oportunidade de vivenciar o movimento.

Tal penalidade freqüentemente “gera uma situação ambivalente: por um lado, os alunos apreciam e anseiam por esse horário; por outro, ficam em um nível de excitação tão alto que torna difícil o andamento da aula” (GONÇALVES JUNIOR, 2007, p.59).

Nas aulas de Educação Física, as crianças estão muito expostas nos jogos, brincadeiras, desafios corporais, entre outros, umas vêem o desempenho das outras e já são capazes de fazer algumas avaliações sobre isso. Não leva muito tempo para que descubram quem são aqueles que têm mais familiaridade com o manuseio de uma bola, quem é que corre mais ou é mais lento e quem tem mais dificuldade em acertar um arremesso, por exemplo. Por isso, é fundamental que se tome cuidado com as discriminações e estigmatizações que possam ocorrer. Se, no início de sua escolaridade, a criança é tachada de incompetente por ter algum tipo de dificuldade, é improvável que supere suas limitações, que busque novos desafios e se torne mais competente. Nesse sentido, é função do professor dar oportunidade para que os alunos tenham uma variedade de atividades em que diferentes competências sejam exercidas e as diferenças individuais sejam valorizadas e respeitadas.

De acordo com Gonçalves Junior (2007, p. 62), um outro aspecto dessa mesma questão que merece destaque neste ciclo é a diferença entre as competências de meninos e meninas. Normalmente, por razões socioculturais, ao ingressar na escola, os meninos tiveram mais experiências corporais, principalmente no que se refere ao manuseio de bolas e em atividades que demandam força e velocidade. As meninas, por sua vez, tiveram mais experiências, portanto têm mais competência em atividades expressivas e naquelas que exigem mais equilíbrio, coordenação e ritmo.

Segundo o mesmo autor, tradicionalmente a Educação Física valoriza as capacidades e habilidades envolvidas nos jogos, nas quais os meninos são mais competentes. Assim, é necessário repensar a atuação do professor em dois aspectos: primeiro, às meninas devem ser dadas oportunidades de se apropriarem dessas competências em situações em que não se sintam pressionadas, diminuídas, e tenham tempo para adquirir experiências. Em segundo lugar, com a incorporação das atividades rítmicas e expressivas às aulas de Educação Física, os meninos poderão também desenvolver novas competências (GONÇALVES JUNIOR, 2007 p.62).

Para viabilizar transformações e novas idéias, valores, paradigmas e, sobretudo novas praticas, deverá de início, ser incorporado ao esporte uma Educação Física que se oponha à cultura da escassez, favorecendo a participação, a interatividade, a inclusão, ao invés da exclusão, privilegiando o caráter lúdico e educativo do esporte, do movimento.

A Educação Física deve possibilitar, assim, o acesso da criança à Cultura Corporal e a compreensão de sua realidade, já que “a criança traz para a escola um acervo cultural sobre as questões da corporeidade. O professor precisa respeitar essas experiências e ajudar o aluno a organizar, sistematizar e ampliar seu conhecimento” (TAFFAREL, 1991, p.21).

5- O Lúdico na Educação Física

De acordo com Marcellino (1999), o conceito de lúdico é bem mais abrangente do que o conceito de lazer. As possibilidades de ocorrência do lúdico na nossa sociedade são bem maiores do que as do lazer, pois ele não está preso a um tempo definido. (p.11). Para o autor, o lúdico é visto como elemento da cultura, e o lazer, enquanto espaço privilegiado para a sua manifestação na nossa moderna sociedade urbano-industrial.

Olivier (1999) propõe que o lúdico seja considerado em cinco aspectos fundamentais:

1. seu objetivo é a vivência prazerosa da atividade;
2. o lúdico é espontâneo, diferindo assim de toda atividade imposta, obrigatória;
3. o lúdico pertence à dimensão do sonho, da magia, da sensibilidade; os princípios da racionalidade não são aqui enfatizados. Está mais relacionado com o princípio do prazer do que o da realidade.
4. o lúdico se baseia na atualidade: ocupa-se do aqui e do agora, não da preparação de um futuro inexistente Podemos dizer que o lúdico favorece a utopia, a construção do futuro a partir do presente.
5. o lúdico privilegia a criatividade, a inventividade e a imaginação, por sua própria ligação com os fundamentos do prazer. Não comporta regras preestabelecidas, nem caminhos já trilhados (OLIVIER, 1999, p.21).

Ainda de acordo com a autora:

Reconhecer o lúdico é reconhecer a especificidade da infância: permitir que as crianças sejam crianças e vivam como crianças; é ocupar-se do presente, porque o futuro dele decorre; é esquecer o discurso que fala da criança e ouvir as crianças falarem por si mesmas: É redescobrir a linguagem dos nossos desejos e conferir-lhe o mesmo lugar que a linguagem da razão; é redescobrir a corporeidade ao invés de dicotomizar o homem em corpo e alma; é abri portas e janelas e deixar que a inclinação vital penetre na escola, espante a poeira, apague as regras escritas na lousa e acorde as crianças desse sono letárgico no qual por tanto tempo deixaram de sonhar. (OLIVIER,1999, p.23).

Se relacionarmos o lúdico – ou a ausência dele – com as aulas de educação física escolar, poderemos perceber que muitas vezes a vivência do lúdico é ignorada em prol da disciplina do esforço, da obrigação do trabalho em equipe (fator tão pouco verificado entre aqueles que freqüentaram os bancos escolares, embora a ênfase que a escola concede a essas atividades aparentemente seja grande), e o importante tema da competição “saúdável”, presente no eterno lema “O importante é competir” (OLIVEIR, 1999, p.19).

Reencontrar o lúdico, entender o seu valor torna-se imperativo se deseja preservar os valores humanos no homem. Da mesma forma, através dele podemos resgatar a criatividade, ousando experimentar o novo, tornar-se homem, resistindo às experiências de vida desumanizantes, acreditando em si, em suas idéias, sonhos e visões, elementos entre outros percebidos como intrínsecos dos homens e da humanidade.

Schwartz (1998) aponta que as atividades lúdicas e suas funções educativas apresentam grandes variações, uma vez que a noção de jogo aplicado à educação desenvolveu-se com lentidão e penetrou tardiamente no universo escolar, sendo sistematizada com atraso.

No entanto, de acordo com a autora, mesmo não tão explicitamente, o papel psicossociológico do jogo fora do processo institucional está presente, garantindo a aprendizagem, mesmo que de maneira não formal. (SCHWARTZ, 1998, p.66). Ela ainda cita outros autores, dizendo que o jogo no ambiente pedagógico delinea o esforço de

algumas concepções educacionais em adaptar o ensino às necessidades atuais, levando em consideração a criança e a sociedade, sem se distanciar dos objetivos de formação intelectual e sócio-afetiva.

De acordo com França (1999), o lazer é um fenômeno social historicamente produzido e apropriado pelo homem, que se manifesta em um determinado tempo, constituindo-se um bem cultural. Uma das formas de apropriação é sua inclusão no projeto de escolarização enquanto conteúdo de ensino.

6- Esporte Escolar e Cidadania

A concepção de Cultura Corporal de Movimento amplia a contribuição da Educação Física Escolar para o pleno exercício da cidadania na medida em que, tomando seus conteúdos e as capacidades que propõe desenvolver como produtos socioculturais, afirma como direito de todos o acesso a eles. Modifica, assim, o histórico da disciplina, que aponta para um processo de ensino e aprendizagem centrado no desempenho físico e técnico, resultando quase numa seleção entre indivíduos aptos e inaptos para as práticas da cultura corporal de movimento. (PCN, 1997, p. 10).

Além disso, aponta para uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos.

Neste sentido, o eixo fundamental que deve nortear a concepção e a ação pedagógica da Educação Física Escolar é a não exclusão do aluno, “considerando todos os aspectos ou elementos, seja na sistematização de conteúdos e objetos, seja no processo de ensino e aprendizagem, para evitar a exclusão ou alienação na relação com a cultura corporal de movimento” (PCN, 1997, p. 10).

De acordo com os PCNs (1997), a atividade esportiva em sua vertente mais conhecida tem como foco principal o esporte de alto rendimento, que tem seu valor e precisa ser apoiado por todas as áreas. O esporte de alto rendimento leva à seleção de valores com potencial, o que produz a exclusão dos demais.

Os alunos podem compreender que os esportes e as demais atividades corporais não devem ser privilégio apenas dos esportistas profissionais ou das pessoas em condições de pagar por academias e clubes. Dar valor a essas atividades e reivindicar o acesso a centros esportivos e de lazer, e a programas de práticas corporais dirigidos à população em geral, é um posicionamento que pode ser adotado a partir dos conhecimentos adquiridos nas aulas de Educação Física.

No âmbito da Educação Física, os conhecimentos construídos devem possibilitar a análise crítica dos valores sociais, tais como os padrões de beleza e saúde, a preocupação extrema com o desempenho, a competição exacerbada e seu papel como instrumento de exclusão e discriminação social.

A atuação dos meios de comunicação e da indústria do lazer em produzir, transmitir e impor esses valores, ao adotar o esporte-espetáculo como produto de consumo, torna imprescindível a atuação da Educação Física Escolar na contramão desta lógica. Esta deve, segundo os PCNs “fornecer informações políticas, históricas e sociais que possibilitem a análise crítica da violência, dos interesses políticos e econômicos, do *doping*, dos sorteios e loterias, entre outros aspectos” (PCN, 1997, p. 11).

O vínculo direto que a indústria cultural e do lazer estabelece entre o acesso aos conhecimentos da cultura corporal de movimento e o consumo de produtos deve ser alvo de esclarecimentos e reflexão.

A compreensão da organização institucional da cultura corporal de movimento na nossa sociedade, incluindo uma visão crítica do sistema esportivo profissional, deve dar subsídios para uma discussão sobre a ética do esporte profissional e amador, sobre a discriminação sexual e racial que neles existe. E pode, ainda, de acordo com os PCNs, “favorecer a formação de uma consciência individual e social pautada no bem estar, em posturas não-preconceituosas e não-discriminatórias e, ainda, no cultivo dos valores coerentes com a ética democrática” (PCN, 1997, p. 12).

7- Descrição da Metodologia

Acreditando que a modalidade Handebol é uma das mais ricas e interessantes sob o ponto de vista do ensino-aprendizagem, isto especificamente por observarmos que,

neste esporte, temos os três movimentos naturais, que são o correr, o saltar e o arremessar, acontecendo de modo constante, este estudo buscou investigar se é possível que as crianças, a partir da realização de atividades lúdicas e jogos pré-desportivos, aprendam o Handebol nas aulas de Educação Física, sem que fosse aplicado, para tanto, o ensino ou treinamento técnico e tático referentes à modalidade.

Se formos conscientes de que é importante o cidadão brincar quando está envolvido em qualquer atividade, por consequência devemos propor alternativas lúdicas ao adotar o Handebol como meio de ensinar também os valores de respeito, educação, socialização, integração ao esporte entre outros conteúdos.

Segundo GONÇALVES (1994), a Educação Física, como ato educativo, está voltada para a formação do homem tanto em sua dimensão pessoal como social. Assim, pode ser vista como um conjunto onde noções de socialização, cooperação e companheirismo são utilizados como estratégias de ensino, e fazem parte do desenvolvimento crítico e consciente da criança.

Pensando nisso, realizei quatro aulas de introdução ao Handebol, com alunos da 4º série de uma escola da rede estadual de ensino, na cidade de São Carlos, estado de São Paulo.

A partir de uma perspectiva de investigação qualitativa, na qual, de acordo com Negrini, “não há preocupação em generalizar os achados” (1999, p.61), iniciei o contato com os alunos lançando uma questão: O que você sabe sobre handebol?.

Nas abordagens qualitativas, o termo *pesquisa* ganha novo significado, passando a ser concebido como uma trajetória em torno daquilo que se deseja compreender, voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o investigador. Assim, nesta modalidade de pesquisa não há total neutralidade do investigador, uma vez que o mesmo atribui significados, seleciona o que do mundo quer conhecer, interage com o conhecimento e se dispõe a comunicá-lo (GARNICA, 1997).

Além da questão, que tinha como principal objetivo conhecer quais as concepções ou vivências anteriores das crianças sobre o tema handebol, realizei anotações em diário de campo após cada aula, as quais encontram-se também em anexo.

As notas de campo, de acordo com Bogdan & Biklen (1994), são o relato daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa durante a coleta de dados, neste caso, durante a realização das aulas.

Finalizando, na última atividade por mim ministrada realizei novamente a questão “O que você sabe sobre handebol”, buscando verificar se as crianças fariam outras considerações a respeito da modalidade, após a vivência de atividades lúdicas relacionadas ao handebol nas aulas de Educação Física.

8- Resultados e Discussão

Durante a escolarização, a partir da vivência de atividades lúdicas diferenciadas durante as aulas de Educação Física, a maneira de brincar e jogar sofre uma profunda modificação no que diz respeito à questão da sociabilidade. Ocorre uma ampliação da capacidade de brincar: além dos jogos de caráter simbólico, nos quais as fantasias e os interesses pessoais prevalecem, as crianças começam a praticar jogos coletivos com regras, nos quais têm de se ajustar às restrições de movimentos e interesses pessoais. Essa restrição é a própria regra, que garante a viabilidade da interação de interesses pessoais numa dinâmica coletiva. A possibilidade e a necessidade de jogar junto com os outros, em função do movimento dos outros, passa pela compreensão das regras e um comprometimento com elas. Isso é algo que leva todo o primeiro ciclo para ser construído. Significa também que o professor deve discutir o sentido de tais regras, explicando quais são suas implicações nos jogos e brincadeiras.

É importante lembrar como as regras são estabelecidas e quais suas funções, tentando fazer com que as crianças cheguem a um acordo. Caso isso não ocorra, o professor pode assumir o papel de juiz, explicando que essa é uma forma socialmente legítima de se atuar em competições, e então arbitrar uma decisão. É essencial que, em situação de conflito, as crianças tenham no adulto uma referência externa que garanta o encaminhamento de soluções.

No início da escolaridade, durante os jogos e brincadeiras, os alunos se agrupam em apenas alguns espaços da quadra ou do campo. Isso fica claro quando, em

alguns jogos coletivos, todos se aglutinam em torno da bola, inviabilizando a utilização estratégica e articulada do espaço. Com a vivência de variadas situações em que tenham que resolver problemas relativos ao uso do espaço, a forma de atuação das crianças modifica-se paulatinamente e elas podem, então, construir uma boa representação mental de seus deslocamentos e posicionamentos.

Todas as crianças sabem pelo menos uma brincadeira ou um jogo que envolva movimentos. Esse repertório de manifestações culturais pode vir de fontes como família, amigos, televisão, entre outros, e é algo que pode e deve ser compartilhado na escola. É fundamental que o aluno se sinta valorizado e acolhido em todos os momentos de sua escolaridade e, no ciclo inicial, em que seus vínculos com essa instituição estão se estabelecendo, o fato de poder trazer algo de seu cotidiano, de sua experiência pessoal, favorece sua adaptação à nova situação.

Ao desafio apresentado, acrescenta-se que, principalmente no que diz respeito às habilidades motoras, os alunos devem vivenciar os movimentos numa multiplicidade de situações, de modo que construam um repertório amplo.

Durante a realização das atividades, pude observar que, no início, os alunos se aglomeravam em cima da bola, o passe era realizado com as duas mãos e eles não tinham a percepção de espaço. Isso porque a única referência que eles tinham sobre o handebol, de acordo com os próprios relatos colhidos na 1ª aula, era que o mesmo era jogo de futebol com as mãos.

No decorrer das atividades, e após a realização dos jogos pré-desportivos e educativos para esta modalidade, observei que eles já realizavam os passes com apenas uma das mãos. Além disso, na última atividade, pude observar que a aglomeração em cima da bola diminuiu bastante, o passe anteriormente realizado com as duas mãos passou a ser realizado com uma só mão, também conseguiram quicar a bola, coisa que eles não faziam, e também a cooperação entre eles cresceu muito, porque perceberam que o handebol é um esporte coletivo, e que um precisa do outro para se ter sucesso no jogo, e esse sucesso é fazer o gol.

Com relação à questão: “O que você sabe sobre o Handebol?”, num total de 20 respostas, totalizam-se 10 meninos e 10 meninas. Os dados obtidos com a aplicação da questão foram tabulados de acordo com a frequência/repetição da resposta:

Pergunta aplicada no 1º. Dia de atividades	Semelhança com o Futebol	Joga-se com a mão	Tem que fazer gol	Citaram outras regras	Não sabe
Meninos	4	6	2	2	0
Meninas	8	8	3	0	1

Observando o quadro, podemos perceber que, quando da aplicação da pergunta na primeira atividade, a maioria dos alunos relaciona o Handebol com o Futebol, porém jogado com as mãos:

“Eu não sei o que é, mas acho que é parecido com o futebol” (IRP).

“É parecido com o futebol, mas joga com a mão, e tem que fazer gol também com a mão” (GTMC).

Quando observamos as respostas à mesma pergunta, aplicada no último dia de atividades, obtivemos a seguinte configuração:

Pergunta aplicada no último dia de atividades	Semelhança com o Futebol	Joga-se com a mão	Tem que fazer gol	Citaram outras regras	Não sabe
Meninos	0	4	3	4	1
Meninas	4	7	2	0	0

Comparando os quadros, pude observar que, embora o tempo de realização das atividades tenha sido pequeno, as crianças desenvolveram algumas habilidades necessárias à modalidade, e ainda desvincularam o jogo de handebol do jogo de futebol.

Assim, a partir das observações e das respostas dos alunos à mesma questão: “O que você sabe sobre o handebol?”, reaplicada na última aula, pude observar que o handebol pode sim ser ensinado de uma forma lúdica, sem se preocupar com as regras e tática, e sim sendo uma atividade prazerosa para quem estiver praticando.

Além disso, de acordo com algumas respostas das crianças, pude observar que as mesmas participaram das atividades com prazer e alegria, vivenciando o handebol de forma lúdica:

“O handebol não é só um jogo parecido com o futebol e se joga com as mãos, mas o jogo do handebol não se joga só com as regras, porque pode se fazer uma queima misturada com o handebol, e muitas outras brincadeiras. Agora eu gosto mais de handebol do que antes...” (L.P.A.).

Pude perceber, ainda, que a especialização ou o treinamento precoce não é adequado para a faixa etária nesta etapa da escolaridade, pois não é momento de restringir as possibilidades dos alunos. O contexto da aula de Educação Física deve, sim, contemplar as diferentes competências de todos os alunos, não apenas daqueles que têm mais facilidade, de modo que todos possam desenvolver suas potencialidades. O trabalho com as habilidades motoras e capacidades físicas deve estar contextualizado em situações significativas, e não ser transformado em exercícios mecânicos e automatizado.

Concordando com Daólio:

A função da Educação Física Escolar, a nosso ver, não é ensinar o Basquetebol, Voleibol, Handebol ou o Futebol, mas utilizar atividades valorizadas culturalmente num dado grupo, para proporcionar um conhecimento que permita ao aluno, a partir da prática, compreender, usufruir, criticar e transformar (...) (1995, p.135).

E ainda, mesmo sendo o professor quem faz as propostas e conduz o processo de ensino e aprendizagem, ele deve elaborar sua intervenção de modo que os alunos tenham escolhas a fazer, decisões a tomar, problemas a resolver, assim os alunos podem tornar-se cada vez mais independentes e responsáveis.

Referências

BETTI, I. R. Esporte na escola, mas é só isso professor? **Motriz**. v. 1, n. 1, 1995, p. 25-31.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – Educação Física**. Brasília, 1997.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K., Investigação qualitativa em educação. In: **Seminário de Pesquisa em Educação Física Escolar**, p.150 a 152. Departamento de Educação Física e Motricidade Humana, Universidade Federal de São Carlos. DEFMH. 2006.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL. **A História do Handebol**. Disponível em: www.brasilhandebol.com.br. Acesso em: 17 de novembro de 2007.

COLETIVO DE AUTORES **Metodologia do ensino em educação física**. São Paulo, Cortez, 1992.

DAÓLIO, J. Por uma educação física plural. **Motriz**. v. 1, n. 2, 1995, pág 134-136.

DUPAS, M. A. **Pesquisando e normalizando: noções básicas e recomendações úteis para elaboração de trabalhos científicos**. São Carlos: EdUFSCar, 1997.

FRANÇA, T. L. **A prática pedagógica no interior das disciplinas específicas do curso de licenciatura em educação física e técnica em desporto da UFPE: capacidade, possibilidade e motivação no trabalho docente**. Campinas, FEF/UNICAMP, 1999. [Dissertação de Mestrado].

GALANTE, R. C. **A educação física escolar e o desenvolvimento da corporeidade**. Monografia de Graduação. Universidade Federal de São Carlos. DEFMH. 1998.

_____. **Educação pelo lazer: a perspectiva do Programa Curumim do SESC Araraquara**. São Carlos, PPGE/UFSCar, 2006. [Dissertação de Mestrado].

GARCIA, J. A. **Ballomano: fundamentos y etapas del aprendizaje**. Madrid: Gymnos, 1990.

GARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. In **Interface: Comunicação, saúde, educação**. v1, n.1, p. 109-122, 1997.

GHIRALDELLI JUNIOR., P. **Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo, Loyola, 1991.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas: Papirus, 1994.

GONÇALVES JUNIOR, L. **Educação Física no 1º Ciclo (1º à 4º série) do Ensino Fundamental**. Departamento de Educação Física e Motricidade Humana, Programa de Divulgação e Atualização na Área de Motricidade Humana. Universidade Federal de São Carlos. DEFMH. 2007.

MARCELLINO, N. C. **Lúdico, educação e educação física**. Ijuí, Ed. Unijuí, 1999.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. (org.) **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS/Sulina, 1999. p. 61-93.

NORI, C. **Boleiros da areia: o esporte como expressão de cultura e cidadania**. São Paulo: SESC, 2002.

OLIVIER, G. G. F. Lúdico e escola: entre a obrigação e o prazer. In: MARCELLINO, N. C. **Lúdico, Educação e Educação Física**. Ed. Unijuí, 1999.p. 15 - 24

RAMOS, G. N. S; SILVA. J. M. As relações de gênero na Educação Física escolar. In: **Congresso de Educação Física do Esporte dos Países de Língua Portuguesa**. São Luiz: Editora da UFMA, 2002. p.207-208.

SILVA, J. M. **As questões de gênero nas aulas de Educação Física dos 1º e 2º ciclos do ensino fundamental**. Monografia (Licenciatura em Educação Física e Motricidade Humana). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2001.

SCHWARTZ. G. M. O processo educacional em jogo: algumas reflexões sobre a sublimação do lúdico. In **LICERE: Revista do centro de estudos de lazer e recreação/EEF/UFMG**. Belo Horizonte: Celar, v1, no.1, p. 66-76, 1998.

TAFFAREL, C. N. Z., E.SCOBAR, M. O., F.ANÇA, T. L.. Construção do tempo pedagógico para a construção-estruturação do conhecimento na área de educação física & esporte. In **Revista Motrivivência**, ano 7, n.8, 1995.

ANEXO 1

Transcrição das respostas à pergunta “O que você sabe sobre handebol”, respondida pelos alunos no dia 03/12/2007, durante minha primeira atividade na escola.

“Se joga com a mão, também se faz gol, pode jogar com as duas mãos e uma só...” (T. C. S. L.).

“Eu não sei o que é, mas, eu acho que é parecido com o futebol”. (I. R. P.).

“É parecido com o futebol que joga com a mão, e tem que fazer gol também com a mão”. (G. T. M. C.).

“É parecido com o futebol, é jogado com a mão. Precisa ter o coquei e uma pessoa dentro e jogar para a pessoa pega. Aí faz gol”. (N. V. P.).

“Com handebol podemos fazer várias brincadeiras e jogos. Não é só o futebol que pode ser feito... (L. F)”.

“O handebol é um jogo muito divertido, mas precisa de técnica” (R. S. F.).

“A bola não pode relar nós pés da pessoa se não é falta”. (T. V. S.).

“Tem que jogar com a mão, e arremessar com a mão. Tem que fazer tudo com a mão, arremessar e fazer pontos com a mão”. (M. F. D.).

“Handebol se joga com a mão e para fazer o gol pode dar três passos”. (J.V. S. N.).

“Que a bola não pode relar nós pés das pessoas” (G. M. Z.).

“Você não joga com os pés, é parecido com o futebol, e se joga com as mãos” (F. S. S.).

“Eu sei como se joga e quase todas as regras” (L. E. G.).

“Eu sei que o handebol é um esporte que se joga com a mão, não se pode ficar muito tempo com a bola na mão, e falta dentro da área é tiro de sete metros” (M. H. P. F.).

ANEXO 2

Transcrição das respostas à pergunta “O que você sabe sobre handebol”, respondida pelos alunos no dia 13/12/2007, durante minha última atividade na escola.

“Eu ainda não sei o que é, mas, eu acho que o handebol tem que ser jogado em grupo. Mas o que eu mais gostei foi de ficar no gol e defender com o pé”. (I. R. P)

“Eu acho que o handebol não mudou muita coisa no dia que eu joguei, continua jogando com a mão, mas é claro que ficou mais legal depois que eu aprendi a jogar. Mas eu acho que ainda é a mesma coisa. Porque só joguei uma vez”. (G. T. M. C.)

“Eu acho que o handebol é um jogo que joga com a mão, tem os coceis, precisa de dois coceis, a pessoa precisa estar no meio, pode jogar com as duas mãos ou uma e não pode jogar para cima perto do cocei se não é ponto”. (N. V. P.)

“Eu aprendi quando a bola vem pra mim eu tenho que tocar pro meu amigo para fazer o gol”. (T. V. S.)

“Eu sei que se a bola cai no chão a bola é do outro time. O jogo de handebol arremessa, ataca e faz gol com a mão”. (M. F.D.)

“Handebol é um esporte como todos. Tem suas regras como: para fazer o gol pode dar três passos, pode quicar no chão, e é mais fácil jogar com a mão levantada”. (J. V. S. N.)

“Que não pode entrar na área do goleiro, a área é só do goleiro” (G. M. Z.)

“Você não pode entrar dentro da área do goleiro e se você jogar a bola no goleiro e ele espalmar para fora não é escanteio. Só se bater na zaga” (F. S. S.)

“Aprendi a jogar melhor e soube todas as regras” (L. E. G.)

“Aprendi que não pode pisar dentro da área mais de jeito nenhum, somente o goleiro. Também aprendi a jogar com uma mão” (M. H. P. F.)

“O handebol não é só um jogo parecido com o futebol e se joga com as mãos, mas o jogo do handebol não se joga só com as regras, porque pode se fazer uma queima misturada com o handebol, e muitas outras brincadeiras. Agora eu gosto mais de handebol do que antes...” (L.P.A.)

ANEXO 3

Anotações durante as aulas de handebol na escola

1º Aula (03/12)

Turma: 4ºA

Numero de Alunos: 30 (17 meninos e 13 meninas)

OBS: Os meninos e as meninas participam juntos nas aulas

Objetivo da aula: Apresentar o handebol.

1º Parte: Realizar algumas atividades de aquecimento.

2º Parte: Realizar o jogo de handebol e a partir daí observar se os alunos sabem jogar e como eles realizam os fundamentos.

3º Parte: Ao término da aula conversar com eles e perguntar o que eles acharam da aula.

Comentário sobre a aula

A aula de hoje começou com um bate - papo com as crianças, perguntando para eles se eles conheciam o handebol e eles disseram que conheciam. A maioria das crianças disse que viram o handebol pela televisão através do Pan, e outros disseram que viram o time de São Carlos jogar. Depois desse bate-papo dividimos a turma em quatro equipes e fomos jogar. Durante o jogo percebi que eles se aglomeravam em cima da bola, o passe era realizado com as duas mãos e eles não tinham a percepção de espaço. Em um momento do jogo eu pedi para eles fazerem o passe com um braço só, com o direito ou com o esquerdo. Aí o jogo melhorou um pouco. No final fiz um outro bate-papo com eles e perguntei o que eles acharam da aula. Todos gostaram, perguntei também o que eles acharam mais fácil ou mais difícil no jogo. Alguns responderam que era mais fácil fazer o gol, outros disseram que era difícil fazer o passe com as duas mãos, mas depois que fizeram o passe com uma mão só ficou mais fácil. Essa foi a primeira aula.

2º Aula (06/12)**Turma: 4ºA****Numero de Alunos: 30 (17 meninos e 13 meninas)**

OBS: Os meninos e as meninas participam juntos nas aulas

Objetivo da aula: Vivenciar o drible e o passe.**1º Parte:** Realizar algumas atividades de aquecimento.**2º Parte:** Realizar uma brincadeira em dupla para eles vivenciarem o drible, depois um jogo para eles vivenciarem o passe. Esse jogo se chama Jogo dos 10 Passes.**3º Parte:** Ao término da aula, conversar com eles e perguntar o que eles acharam da aula.**Comentário sobre a aula**

A aula de hoje começou com um bate - papo com as crianças explicando como seriam as atividades propostas para aquele dia. A primeira atividade foi uma brincadeira em dupla , na qual um integrante da dupla fica com a bola driblando e o outro tem que tentar roubar essa bola. Se ele consegue roubar a bola, ele passa a driblar e o outro que estava driblando passa a tentar roubar a bola. Nessa atividade, as bolas eram as mais variadas possíveis: tinha bola de borracha, bola de handebol, bola de vôlei e bola de basquete. A segunda atividade da aula foi o jogo dos 10 passes. Dividimos a turma em duas equipes iguais e expliquei o jogo. Uma equipe fica passando a bola e a outra tem que roubar a bola. O ponto só é válido se a equipe que estiver com a posse de bola totalizar os 10 passes. Se a outra equipe roubar a bola, ela também terá que totalizar os 10 passes para o ponto ser válido. Em um momento do jogo eu inseri uma outra bola e o jogo ficou mais interessante, porque além de fazer o passe eles tinham que tentar roubar a bola da outra equipe. No final das atividades conversei com eles e novamente perguntei o que eles acharam mais fácil e mais difícil nas atividades. Eles disseram que a primeira atividade não foi difícil, mas já na segunda atividade eles acharam difícil roubar a bola. Quando eu pus outra bola no jogo, além de fazer o passe eles tinham que roubar a outra bola. Nessa brincadeira dos 10 passes eles já faziam o passe com uma mão só e não mais com as duas. Eles disseram que o passe com uma mão só é melhor do que com as duas mãos. Essa foi a segunda aula.

3º Aula (10/12)**Turma: 4ºA****Numero de Alunos: 30 (17 meninos e 13 meninas)**

OBS: Os meninos e as meninas participam juntos nas aulas

Objetivo da aula: Vivenciar o passe, arremesso e defesa.**1º Parte:** Realizar algumas atividades de aquecimento.**2º Parte:** Realizar dois jogos pré – desportivos: queima tradicional e queima da abelha rainha.**3º Parte:** Ao término da aula, conversar com eles e perguntar o que eles acharam da aula.**Comentário sobre a aula**

Na aula de hoje as atividades propostas foram dois jogos pré-desportivos que são: a queima tradicional e a queima da abelha rainha. O primeiro jogo foi a queima tradicional para eles poderem desenvolver o passe e o arremesso. A segunda atividade foi um pouco mais complexa porque eles ainda não tinham brincado da queima da “abelha rainha” do jeito que ela foi proposta, pois eles estavam acostumados a jogar a queima da abelha rainha de uma outra maneira. Então eu expliquei para eles que esse novo jeito da queima da abelha rainha era um pouco diferente do que eles estavam acostumados. Aí eu disse que eles tinham que escolher uma pessoa para ser a “abelha rainha” e que a outra equipe tinha que saber quem ia ser a abelha. A abelha não podia ser queimada, porque se ela fosse queimada uma outra pessoa ficaria junto com a “abelha” e a sua equipe ficaria com uma pessoa a menos na equipe. No começo do jogo foi um pouco difícil deles entenderem. Então eu tive que fazer várias intervenções para tirar dúvidas, mas depois eles entenderam como funcionava o jogo e aí foi tranquilo. Essa atividade da queima da “abelha rainha” é parecida com o jogo de handebol, mas nela não existe o “gol” e sim o objetivo de queimar a abelha da outra equipe para conseguir o ponto. Outra característica é que eles tinham que defender a sua “abelha” para ela não ser queimada e a sua equipe não ficar com uma pessoa a menos no jogo. No final da aula, conversei com eles sobre as atividades e eles disseram que gostaram e eu perguntei o que acharam mais fácil e mais difícil nas brincadeiras. Eles disseram que a primeira brincadeira não era difícil e sim fácil. A outra eles acharam mais difícil porque

eles tinham que defender a sua “abelha” e se ela fosse queimada eles iriam ficar com uma pessoa a menos na equipe, mas também gostaram muito da “nova” queimada.

4º Aula (13/12)

Turma: 4ºA

Numero de Alunos: 30 (17 meninos e 13 meninas)

OBS: Os meninos e as meninas participam juntos nas aulas

Objetivo da aula: Observar como os alunos assimilaram as atividades propostas nas aulas.

1º Parte: Realizar algumas atividades de aquecimento.

2º Parte: Realizar novamente o jogo de handebol para poder observar e analisar se os alunos assimilaram as atividades que lhes foram dadas. Ver também se houve alguma mudança da primeira aula para essa.

3º Parte: Ao término da aula conversar com eles e perguntar o que eles acharam da aula.

Comentário sobre a aula

Nessa ultima aula eu desenvolvi novamente o jogo de handebol para poder analisar as evoluções dos alunos durante as aulas que foram ministradas anteriormente.

Eu observei que houve uma grande evolução da primeira aula para essa aula, porque na primeira aula eles ficavam todos aglomerados em cima da bola, os passes eram realizados com as duas mãos, eles não pingavam a bola e também eram poucos que pegavam na bola. Esta aula foi diferente, porque eles jogaram de novo e eu percebi que aquela aglomeração em cima da bola diminuiu bastante. O passe anteriormente realizado com as duas mãos passou ser realizado com uma mão só. Também conseguiram pingar a bola, coisa eles não faziam. A cooperação entre eles cresceu muito, porque eles perceberam que o handebol é um esporte coletivo e que um precisa do outro para se ter sucesso no jogo e esse sucesso é fazer o gol.

Então eu posso dizer que o handebol pode sim ser ensinado de uma forma lúdica, sem se preocupar com regras e táticas. Pode ainda ser uma atividade prazerosa para quem estiver praticando, principalmente para crianças, e uma estratégia a mais para ser desenvolvida na educação física escolar.